



**ENSAIOS TEXTUAIS**

**Prof Me. Pedro Paulo Mainieri, atualmente professor da FAU PUC Campinas, aluno de Toninho em 1994. Sobre sua primeira visita na Casa Grande e Tulha, Pedro conta:**

“O centro acadêmico da faculdade de arquitetura e urbanismo [da PUC - Campinas] havia organizado uma gincana denominada ‘Dando um giro pela cidade’. Eram diversas provas que desafiavam os alunos a identificarem marcos históricos da cidade a partir de dicas e a última prova destacava partes da Ópera O Guarani, de Carlos Gomes”

Pedro conta que imediatamente entendeu que o único marco possível seria a Casa Grande e Tulha, localizada nas proximidades do Estádio do Guarani e que “quando todos os alunos chegaram para o encerramento da gincana, já na parte da noite, Toninho nos aguardava para entrar na obra a partir do alpendre - criando assim uma reconstituição do fluxo histórico pelo qual se adentrava uma casa Bandeirista, organizada de um modo que os visitantes ingressavam por uma área coletiva entre o quarto de hóspedes e uma espécie de capela, antes de chegarem no setor íntimo.”

O professor lembra que “havia preparado um telão no qual era projetada a imagem de uma mulher cantando e a trilha sonora que guiava a visita era uma espécie de missa... de modo que, à medida em que a gente ia descobrindo esse espaço com iluminação baixa e controlada, o sentimento geral era de uma experiência quase espiritual, de um espaço sagrado.”

Dessa forma, naquele dia Toninho falou do seu projeto com profunda coerência, gerando elos entre a memória do que ele foi em sua origem e novas experiências sensoriais por meio da tecnologia, reforçando a essência do espaço e as intervenções propostas.

Pedro ressalta, ao fim, que “esse dia foi fundamental para que dentro de mim se criasse a noção de que quando um arquiteto propõe espaço, ele tem a responsabilidade de costurar as diferentes camadas do DNA do projeto: a memória, o sentido histórico, os aspectos culturais, sociais e os da imaginação do futuro.”

# VER AS CIDADES: CASA GRANDE E TULHA

AUTORES:

Bia Carvalho Costa Santos

Luiza Simionatto Budahazi

Heloisa Bertolini Lot

ORIENTADORES:

Luis Alexandre Amaral

Pedro Paulo de Siqueira Mainieri

É tanta coisa para se olhar, que me coloco a pensar.  
Um respiro na cidade há de me inspirar.  
A história do local se desdobra ao caminhar.

A cada um passo da rua vejo o barro.  
Observo o furo que separa o ontem do hoje.  
A cada dois passos na taipa aprendo sobre o amanhã.

Aprendo a minha maneira que pode não ser certa.  
A partir de cada perspectiva nada rotineira.  
Sem rota me inspiro na antiga rota das bandeiras.

Mesmo interrompido com fragmentos da cidade.  
O local não se ausenta de peculiaridade.  
Com as mutações as memórias se solidificam em saudade.

A Tulha é forno de melaço de açúcar.  
A Tulha é armazém de café.  
A Tulha é escritório de Antônio.  
A Tulha é o todo.

Percebo a abertura que se extravasa para além da janela.  
Parecendo voar sem gravidade em meio a atmosfera.  
Pintadas com cores vivas como aquarela.

As simples passagens são elevadas a quadros alegres.  
Os quadros abrigam surpresas no percurso.  
O percurso transparece a história.

Percebo o entrelaçar da natureza com o pré-existente.  
Como as pedras que abraçam a pitanga de forma latente.  
Ou até a árvore que protege a mesa de piquenique do sol ardente.

Logo de cara percebo que o tempo não para.  
As manchas no espaço configuram a pluralidade do tempo.  
Os pés de concreto com a nova geração se equiparam.

Os passos flutuam na grelha metálica.  
Transparecem no som a intervenção simbólica.  
Que amplificam diferentes interpretações.



Fotografia 1 [Requadro. Lela Leme, 2023]

A clareza do projeto salta ao olhar.  
A verdade dos materiais se dá em camadas aparentes.  
Cada uma se destaca para aqueles que se dispõem a contemplar.

As grossas paredes de taipa há tanto tempo de pé.  
Adotam inúmeras cadeiras... em nota de rodapé.  
Não são só cadeiras, no escritório tem rede até.

O vai e vem é movimento.  
O vai e vem é o balanço da mesa.  
O vai e vem é a pipa que agora repousa enquadrada.  
O vai e vem é constante.

Em todo ambiente: sexta, 13 de maio de 83.  
As marcas da intervenção ainda em pura nitidez.  
Mesmo na sexta, 13 de novembro de 20, às 11h16.

O remendo do tempo na parede me encanta.  
A luz vazada do telhado para o céu é uma alavanca.  
O percurso cheio de lembranças revela uma saída franca.

A saída é a entrada, convivência com o entorno.  
O que antes era roça, agora tem contorno.  
Metamorfose ou transtorno?



Fotografia 2 [Detalhe Estrutural do portão na intervenção arquitetônica de Antônio Costa Santos na Tulha. Isabela Guimarães Slywitch, 2023]

São diferentes escalas em uma fração.  
Enredos em camadas de sobreposição.  
Vivos na forma de patrimônio para mais uma geração.

Cada uma com sua sensibilidade.  
O olhar atento liberta a alteridade.  
Configura assim um corpo heterogêneo repleto de particularidade.

A Helô enxerga através da fissura, da ruptura e do ritmo.  
A Lu enxerga através das cores, do traço e da textura.  
A Bia enxerga através da saudade, do fragmento e do contraste.

Mesmo espaço, diferentes corpos.  
Diferentes corpos, diferentes sensações.  
Constantemente sujeitos à inspiração.  
A metamorfose do território se lê no compasso da dança.  
Repleta de significado em pele e emoção.  
Que a cada quebra e sutileza revela a transformação.

A pluralidade de elementos se lê na sintonia da música.  
Repleta de sons únicos.  
Que a cada arranjo compõem uma modulação.

A sensibilidade do olhar é percebida ao fotografar.  
Ou a partir do enquadramento feito pelo desenhar.  
O ponto de partida é interpretar.

A arquitetura é criativa para com a humanidade.  
É estar disposto a se desprender.  
A olhar, sentir, sonhar e voar.